

## TURISMO E FALTA DE INFORMAÇÃO NA RAIÁ SABUGALENSE

A Câmara Municipal do Sabugal tem vindo a organizar encontros com a diáspora sabugalense, para captar investimento, atrair pessoas e valorizar este território.

O propósito destas reuniões foi agitar consciências e criar forças para evitar o desaparecimento das nossas aldeias, tal é a desertificação com fuga de muitos de nós para os grandes centros urbanos nacionais e internacionais.

Uma das atracções do nosso Concelho é, por enquanto, o turismo rural e a festa brava das capeias, essencialmente no mês de Agosto.

Sortelha e Sabugal fazem parte da rota dos Castelos, publicada pelo Guia Michelin e na qual se integram também Castelo Mendo, Almeida, Castelo Rodrigo, Marialva, Castelo Bom, etc. Lembramos que Sortelha faz parte da prestigiada rede das aldeias históricas de Portugal.

Mas esta zona de turismo da Raia persiste em sê-lo mais em declarações retóricas de projecção para o futuro longínquo, do que em lançamentos de obras no presente.

Devemos juntar forças para melhorar aquilo que temos.

Deixemo-nos - deixem-se os políticos e agentes da coisa pública – de verbosidades grandiloquentes e metamos mãos à obra concreta do nosso meio.

### Alguns exemplos :

- Abertura permanente dos castelos de Sabugal, Sortelha e Vilar Maior, pelo menos nos meses de Verão ou quando necessário em caso de grupos;
- Recuperação dos castelos de Alfaiates e Vilar Maior com subsídios da União Europeia com fundamento na antiga fronteira que dividia Portugal com Espanha antes do tratado de Alcañices (1297);
- Recuperação da aldeia de Vilar Maior que, por ora, não se encontra ainda muito adulterada, também com recurso aos fundos da União Europeia;



- Sinalização do lugar da Batalha do Gravato (Sabugal);
- Ampliação e sinalização da rede de rotas pedestres e de temáticas como: sepulturas antropomórficas, choços, moínhos, árvores monumentais, castrejo do Sabugal Velho, arranjo paisagístico das duas minas de volfrâmio ali a dois passos, etc.

Mas antes de tudo impõe-se a resolução dos problemas de base a montante das cinco áreas acima referidas: é necessário termos redes de saneamento e de abastecimento de água a funcionar segundo padrões do século XXI, porque turista ou visita que não possa tomar banho por falta de água, não só não mais voltará ele a vir até nós, como se poderá constituir em foco desencorajador perante potenciais visitantes do seu círculo de relações - atitude que já se verifica nos netos luso-descendentes.

Considerando o imenso trabalho que temos à nossa frente, alguns poderão considerar, insignificante, esta minha observação sobre a falta de informação dos turistas que entram pelas estradas da nossa fronteira (Raia) de Aldeia do Bispo e Lageosa.

No ponto fronteiriço de Aldeia do Bispo e Lageosa com a Espanha, nem ao menos ali foi colocada uma placa de sinalização com as indicações, evidentemente, destas duas aldeias fronteiriças mas também da sede do Concelho, castro do Sabugal Velho, Sacaparte, castelos, aldeias históricas, viveiro de trutas e centros de lazer, como as termas do Cró.

Tal omissão brinda-nos ainda com o caricato de terem sido os edis de Navasfrías a instalarem em território do Reino de Espanha a tal placa com indicação do nome das duas aldeias fronteiriças lusas; lá estão elas precisamente no cruzamento da estrada que liga Navasfrías a Ciudad Rodrigo com a de Aldeia do Bispo e a da Lageosa.

No entanto, um grupo de Lagarteiros (alcunha dos naturais de Aldeia do Bispo) ficou indignado e humilhado com tal situação, pelo que lançou mãos a uma tábua de madeira de carvalho, uma estaca e uns parafusos para colocar ali na Raia uma tabuleta com a indicação de Aldeia do Bispo que, porém, não oferece a visibilidade do material sinalético rodoviário.

Revela indiferença, senão mesmo desprezo pelo todo nacional em que esta faixa cimacudana da Raia parece ter sido enxertada tardiamente (1297) e mal aceite pela cepa nacional.

Que contraste com os serviços competentes, disponibilidade e desvelo desse ilustre aldeispense que foi o Dr Francisco Maria Manso, ao olharmos para a chusma de príncipes calculistas.

Não se compreende e daqui se verbera desleixo tão acentuado por parte de chefes que chefiam estruturas, secções ou serviços responsáveis por esta insignificante

minudência de levantar uma placa a dizer a quem vem : Aldeia do Bispo PORTUGAL!



Se não for colocada, será mais um incumprimento de quem tem o dever de velar pela soberania nacional; seria mais uma situação a incutir na mente das pessoas o abandono e desprezo destas aldeias encostadas à Raia que pagam as suas contribuições nos cofres do Estado como quaisquer cidadãos do Litoral.

*Manuel Luiz Fernandes Gonçalves*

*16 de Março de 2016*

